



FERNANDO ALONSO

TERMINAL

“HOJE EU SÓ ACEITEI:
O PORTÃO NUNCA FECHOU.
FUI EU QUE NUNCA CRUZEI.”

 VOXLIBRI



TERMINAL

2025 - designo

A história e personagens nesta publicação são fictícios. Qualquer semelhança com eventos e pessoas vivas ou mortas são apenas coincidências. Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida por qualquer meio sem a expressa e consentimento por escrito dos detentores do copyright.

TERMINAL



ROTEIRO E ARGUMENTO

fernando alonso

PRODUÇÃO DO TEXTO

fernando alonso
chatGPT 4

REVISÃO E ADAPTAÇÃO

fernando alonso

ILUSTRAÇÃO

SORA e chatGPT 4

DESIGNER

fernando alonso

EDITORIA

voxlibri

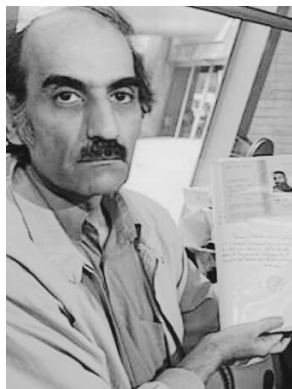
Este livro nasceu de um processo coletivo de criação. A escrita começa em esboços, reflexões e memórias que trago em primeira pessoa — sementes ainda soltas, fragmentos de imagens e ideias. É nesse ponto que entra a parceria com a inteligência artificial: uma presença que organiza, tensiona e expande o material bruto.

A IA não substitui a autoria, mas atua como espelho e provocação, ajudando a estruturar capítulos, propor conexões e oferecer contrapontos. É uma ferramenta de diálogo, nunca de automatização: cada frase é discutida, revista e moldada até que faça sentido dentro do tom existencial que guia estas páginas.

O resultado é fruto dessa travessia compartilhada — nem humano sozinho, nem máquina isolada, mas uma convergência entre experiência vivida e potência criativa ampliada.

INSPIRAÇÃO

A ideia para este livro nasceu após conhecer a história real de **Mehran Karimi Nasseri**, um iraniano que viveu por 18 anos no Terminal 1 do aeroporto Charles de Gaulle, em Paris.



Nasseri desembarcou ali em 1988, alegando estar a caminho do Reino Unido, mas foi impedido de seguir viagem por problemas envolvendo sua documentação — ele havia perdido os papéis que comprovavam seu status de refugiado político. Sem documentos válidos e sem um país disposto a recebê-lo, acabou ficando preso em uma espécie de **limbo jurídico**: não podia embarcar, nem ser deportado.

E assim, o terminal se tornou sua casa.

Durante quase duas décadas, viveu entre bancos de plástico, bandejas de fast-food e olhares apressados. Escrevia em diários, lia livros e se tornou uma figura conhecida dos funcionários do aeroporto. Alguns o viam como símbolo da falência burocrática dos sistemas migratórios. Outros, como alguém que encontrou no não-lugar um **refúgio psicológico** — uma espécie de **exílio consentido**, onde o isolamento era também proteção.

Sua história inspirou o filme *O Terminal* (2004), de Steven Spielberg, estrelado por Tom Hanks — uma adaptação bastante romantizada, e que pouco reflete a solidão e os dilemas existenciais do verdadeiro Nasseri.

Ele faleceu em 2022, aos 76 anos, ironicamente **no próprio aeroporto Charles de Gaulle**, para onde havia voltado a viver pouco antes, mesmo após anos morando fora.

DEDICATÓRIA

Para os que ficaram no meio do caminho...
e ainda assim continuam respirando.

PREFÁCIO

Eu não escrevi esse livro porque achei bonito.
Nem porque queria comover.
Escrevi porque precisei.
Porque, em algum momento da minha vida — e talvez você entenda isso bem — eu me vi parado. Não na rua, não no trabalho, não diante de uma decisão...
Mas parado em mim mesmo.

Esse livro nasceu de um lugar que não aparece em mapa.
Um espaço sem geografia.
Um tipo de sala de espera onde você entra achando que é só por uns dias — e quando se dá conta, já se passaram anos.
Esse lugar é o terminal.

Talvez você já tenha passado por lá.
Talvez esteja nele agora.
Talvez ache que não.
Mas se você já sentiu que o mundo segue, e você não...
então sabe exatamente do que estou falando.

O terminal é a metáfora mais fiel que encontrei pra descrever essa suspensão.
Esse tempo em que não se vive, só se administra.
Esse entre-lugar onde a dor não explode,
mas também não cessa.
Onde o passado pesa e o futuro assusta.

Aqui, você vai encontrar pedaços de alguém.
Às vezes meu.
Às vezes seu.

Vai encontrar pensamentos que talvez nunca tenha dito em voz alta, mas que gritam dentro.

Vai encontrar silêncio.

Vai encontrar medo.

Vai encontrar um homem que não é herói, nem mártir — só alguém tentando continuar quando continuar parece um idioma esquecido.

Eu não tenho respostas.

Esse livro também não tem.

Mas se, em alguma página, você se sentir menos sozinho, já valeu a pena ter escrito.

Mesmo que ninguém chame meu nome no painel.

Mesmo que eu nunca embarque.

Mesmo que tudo continue igual.

Esse livro é pra quem ainda espera.

E pra quem, como eu, já entendeu que o portão nunca fechou — mas ainda não conseguiu atravessar.

PRÓLOGO

O terminal não é um aeroporto.
Não tem placas, não tem portão, não tem embarque.
O terminal é o lugar onde você para — por fora ou por dentro — e não sabe mais como voltar a se mover.

É aquele estado entre quem você foi e quem você ainda não teve coragem de ser.
É a pausa que dura anos.
O intervalo que virou vida.
O limbo elegante onde ninguém te cobra, mas também ninguém te chama.

O terminal é onde você acorda um dia e percebe que não está mais no caminho.
Nem em casa.
Nem no inferno.
Só ali — com luz fria, pensamentos gastos e o silêncio dos que se acostumaram a não ser esperados.

Você não chega ao terminal de uma vez.
Você vai parando.
Primeiro desacelera. Depois finge que está tudo bem.
Depois repete que é só uma fase.
E quando vê... já montou moradia no meio da travessia.
Já decorou a espera.

O terminal é onde as desculpas ganham mais força que os desejos.
É onde o medo se disfarça de rotina.
É onde o tempo não passa — ele acumula.
Pesa.

O terminal é um quarto sem cama.
Uma estação sem trem.
Um rosto sem nome.

Quem vive no terminal não é vagabundo, nem covarde,
nem fraco.

É só alguém que parou por não saber mais quem era pra
continuar sendo.

Alguém que tentou — e talvez tenha falhado — em seguir
o mapa que desenharam pra ele.

E agora, sem bússola, prefere não sair do lugar.

Porque, ao menos parado, não erra de novo.

Mas a pior parte do terminal...

não é estar lá.

É perceber que ele não tem muros.

Que o portão nunca esteve fechado.

Que você sempre pôde ir.

Mas ficou.

CAPÍTULO 1

CHEGUEI SEM PERCEBER

Não teve anúncio. Nenhuma voz metálica chamando meu nome. Nenhum alarme. Só o som abafado de um passo depois do outro, e quando dei por mim... já estava aqui.

O chão é gelado mesmo com o sol do lado de fora. Piso limpo, mas cansado, como se todo mundo passasse por ele sem nunca olhar pra baixo. E eu tô aqui, encostado nesse canto onde a luz não chega direito, onde a tomada funciona e ninguém incomoda.

Já vi três turnos de faxineiras. Uma delas sempre me olha. Não com raiva, nem com pena. Só olha. Como se quisesse perguntar alguma coisa, mas já tivesse entendido que eu não responderia.

As pessoas correm. Falam alto. Consultam relógios. Perdem documentos. Perdem crianças. Algumas se abraçam como se o mundo fosse acabar, outras se despedem como quem só vai ali buscar pão.

E eu fico.

Sempre fico.

Sento na mesma poltrona funda, de couro marrom desbotado. Aquela perto do banheiro masculino, onde o ar-condicionado pinga num balde improvisado que já é parte da arquitetura. Umidade no ar. Um cheiro de desinfetante morno e café queimado.

Começo o dia com um café amargo de máquina. Aquele que queima a língua, mas não aquece. Às vezes mastigo um croissant de ontem. Às vezes nem isso. Tenho uma garrafa d'água que encho no bebedouro do canto esquerdo do saguão C. Água morna. Como tudo aqui.

A rotina me protege.

A repetição me impede de desabar.

Anoto coisas num caderno azul que achei no lixo. Caneta emprestada de um atendente que nunca mais vi. Escrevo qualquer coisa. Às vezes nem leio depois. Só escrevo pra manter a cabeça em movimento. Como as esteiras que carregam malas sem dono.

Hoje uma criança me encarou. Parou diante de mim com uma mochila de dinossauro nas costas. Ficou ali uns segundos longos demais.

— Ele tá esperando alguém?

A mãe puxou pela mão. Pediu desculpa. Eu não respondi. Porque eu não sei. Talvez eu esteja. Talvez eu tenha vindo só pra isso. Esperar.

Mas esqueceram.

As luzes nunca apagam. Nem de madrugada. O terminal não dorme. E eu também não.

Só desligo por alguns minutos às vezes, quando o corpo cansa mais que a mente.

Tem uma velha que senta do outro lado do saguão. Sempre no mesmo horário. Toma um chá verde e lê jornal em francês. Nunca levanta a cabeça. Talvez também more aqui. Talvez também tenha chego sem perceber.

As pessoas acham que quem fica num terminal tá esperando um avião.

Mentira.

Tem gente que fica porque não sabe mais o que seria sair dali.

Eu não tô indo embora.

Mas também não sei se cheguei.

CAPÍTULO 2

O MUNDO SEGUE LÁ FORA

Hoje vi a luz do lado de fora mudar quatro vezes. Do branco frio da manhã até o laranja torto do fim da tarde. Agora é aquele azul que parece mentira, de vitrine de farmácia 24h.

Aqui dentro, nada muda.

A temperatura é sempre um pouco abaixo do corpo. O tipo de frio que não arrepia, mas mina por dentro.

O tipo de frio que cansa.

Passei quase uma hora observando o painel de voos.

Cheio de nomes de lugares onde não tenho pra onde ir.

Alguns eu nem saberia apontar no mapa. Outros eu já quis muito. Hoje, nem tanto.

Pensei em simular uma partida. Me levantar, ir até o portão 36, fingir que sou alguém com destino.

Mas a vontade passou. Como tudo passa. Como tudo aqui... passa.

Os sons são os mesmos. Carrinhos de bagagem rangendo.

Rodinhas gastas batendo no rejunte. Vozes ansiosas.

Choro abafado. Um segurança conversando com outro

sobre futebol. Uma mulher de blazer bebe discutindo com o balcão. Fones de ouvido demais, escuta de menos.

Ninguém escuta ninguém aqui. Só as instruções automáticas no sistema de som.

Hoje um homem de terno encostou perto. Falava num telefone que nem parecia real. Só monólogo. Talvez estivesse fingindo.

Eu também finjo. Finjo que leio. Finjo que durmo. Finjo que esse lugar é temporário.

Lá fora deve estar quente.

Dá pra sentir pelo ritmo das pessoas que entram: suadas, irritadas, cheias de sol na pele.

Aqui dentro é sempre meia-estação.

Meio tempo.

Meio eu.

Vi alguém com uma mala igual à que eu tinha quando saí de casa pela última vez. Uma azul com fecho dourado.

Me deu náusea.

Não pela mala.

Pela lembrança de ter tido uma direção.

Às vezes me imagino atravessando a porta de saída. Não a de embarque. A outra. A que dá acesso ao mundo de novo. Onde o barulho não é filtrado. Onde não tem ar-condicionado e as pessoas podem se tocar sem alarme.

Mas então lembro que lá fora, tudo exige escolha. Tudo cobra postura. Tudo tem espelho.

Aqui, não.

Aqui sou só... alguém que não embarcou.

E que, até segunda ordem, também não vai.

CAPÍTULO 3

QUASE FUI

Não sei se foi o cheiro do pão recém-saído ou a voz baixa daquela funcionária nova no portão 41.

Mas hoje eu quase fui.

Levantei da cadeira. Não por vontade. Por impulso. Um daqueles espasmos que o corpo dá quando a mente desliga por um segundo. Caminhei devagar, como quem testa o chão, como quem reaprende a andar entre gente que sabe pra onde vai.

Passei pelas placas. Por uma criança dormindo em cima da mala. Por um casal se beijando como quem não vai mais se ver.

Fui me aproximando do painel.

O voo 728 para algum lugar começava o embarque.

Portão 41.

Pensei: "E se eu me enfiar no meio?"

Pensei: "E se ninguém perguntar nada?"

Pensei: "E se perguntarem?"

Minhas mãos suaram. O coração subiu pro pescoço.

Dei mais dois passos.

Vi a faixa amarela no chão. Aquela que ninguém respeita, mas que, naquele momento, parecia um abismo.

Fiquei parado ali. Um segundo. Talvez vinte.

Pessoas me contornavam como um obstáculo que não devia estar ali. E eu, parado, tentando lembrar por que mesmo eu estava ali.

A mulher do portão sorriu. Não pra mim.
Mas doeu como se fosse.

Voltei.

Devagar.

Com o gosto seco de ter quase ido. E o alívio covarde
de ter ficado.

Sentei de novo na cadeira do canto.

A poltrona antiga me recebeu como quem já sabia que
eu voltaria.

O corpo afundou, cansado, como se tivesse enfrentado
uma batalha.

Mas eu só fui até o portão.

Quase fui.

E isso já me desmontou o dia.

O terminal me conhece.

Me engole devagar, sem violência.

Ele não me prende.

Mas me molda.

E hoje moldou mais um pedaço que podia ter escapado.

CAPÍTULO 4

SILÊNCIOS FALAM ALTO

O silêncio aqui não é ausência de som.
É presença de tudo o que nunca foi dito.

Tem momentos que o terminal inteiro parece sussurrar.
Não com palavras, mas com aquele tipo de som que se
ouve com o peito. Vibração. Um zunido que não vem de
máquina nenhuma.
Vem de dentro.

Hoje sentei perto de uma mulher com cara de executiva.
Trinta e poucos. Maquiagem de quem acordou cedo,
olhos de quem não dormiu. Falava no celular com
alguém que provavelmente já tinha ido embora antes
mesmo dela chegar.
Depois desligou. E ficou muda por quase dez minutos.
Não mexeu o pescoço. Nem os dedos.
Só respirava. Baixo. Reto. Como se estivesse tentando não
sentir nada.

Aquele silêncio me engoliu.

As pessoas acham que os gritos é que machucam.
Não.
É o que não se diz que apodrece.

O terminal tem lugares assim. Esquinas de silêncio. Onde
as conversas cessam e a bagagem emocional pesa mais
que a de mão.
Eu passo por essas zonas o tempo todo.
É nelas que minha mente começa a gritar.

Penso em tudo o que eu nunca falei.

Para ela.

Para eles.

Para mim mesmo.

Os "me perdoa" que nunca saíram.

Os "eu não sabia" engolidos por orgulho.

Os "fica" sussurrados tarde demais.

Às vezes olho meu reflexo nas vitrines das lojas.

Tem um ponto cego entre a luz branca e o vidro escuro
onde eu me vejo sem nitidez.

Ali estou mais eu do que em qualquer selfie.

Ali sou só... ruído e contorno.

Silêncio tem cheiro.

Aqui, ele cheira a mofo limpo. A lençol guardado. A gaveta
trancada há anos.

Uma vez, um velho sentou ao meu lado e contou que
perdeu o voo.

Disse que estava indo visitar a filha depois de dez anos
sem se falar.

Falou durante meia hora.

Depois levantou, disse que ia comprar água.

Nunca mais voltou.

Acho que ele só precisava falar.

E eu era o silêncio disponível.

Hoje, ninguém falou comigo.

Hoje, o terminal inteiro pareceu calado.

E mesmo assim, foi o dia mais barulhento da semana.

CAPÍTULO 5

ELA AINDA APARECE NOS PAINÉIS

Tem um voo que aparece sempre. Mesmo quando não tá ali, parece que tá.

Destino repetido. Nome igual.

Não pelo lugar

— mas porque é dela o nome que leio toda vez.

Aeroporto de origem: ela.

Destino final: eu.

É só coincidência, claro. Mas toda vez que vejo aquele nome — o nome da cidade onde ela foi — meu estômago vira concreto molhado. Ainda fresco. Ainda afundando.

Não sei mais o que eu sentiria se visse ela entrando por essas portas giratórias. Se me visse aqui, afundado nessa cadeira, com o mesmo casaco, o mesmo cansaço nos olhos.

Acho que ela passaria reto.

Ou talvez reconhecesse de longe o que um dia tentou salvar.

Ela me dizia que eu precisava escolher.

Mas eu sempre achei que escolher era perder.

E, ironicamente, agora tenho tudo que evitei: a perda.

Um dia, antes de ela ir, deixou uma passagem em cima da mesa. Um presente, disse.

Mas presente não tem validade.

E aquela tinha.

Venceu como a gente.

Às vezes acho que essa espera no terminal começou ali.
Naquele papel dobrado que eu deixei encostar poeira.
Naquele “vamos juntos” que eu não tive coragem de
aceitar porque tinha medo de não voltar igual.

Voltar igual ao quê? Nem eu sabia.
Hoje, menos ainda.

Vejo casais esperando voo e penso: como conseguem
dividir destino?
Eu não dividi nem a sala.
Ela sempre esperava na porta.
Eu ficava mais atrás.
O amor dela era impulso.
O meu, paralisia.

Hoje, mesmo sem saber, ela ainda me visita.
Em painéis.
Em rostos parecidos.
No eco de uma risada que vem de longe e me desmonta
por dentro como se alguém tivesse aberto minha mala
sem pedir.

Não escrevo pra ela.
Não mando mensagem.
Não procuro redes.
Mas carrego.

Carrego como se fosse documento.
E, de certa forma, é.
Prova de que um dia alguém quis me levar com ela.
E eu... fiquei.

CAPÍTULO 6

NINGUÉM CHAMA MEU NOME

Tem uma coisa estranha em passar tanto tempo num lugar onde ninguém diz seu nome.

Você começa a duvidar que ele ainda te pertença.

As pessoas aqui são chamadas o tempo todo.

“Senhor fulano, comparecer ao portão tal.”

“Passageira ciclana, documento na recepção.”

“Família tal, última chamada.”

E eu... nada.

Não há voz pra mim.

Nenhum microfone me quer.

Não que eu quisesse ser procurado.

Mas queria, talvez, ser notado.

Um cachorro vira-lata se perdeu hoje no terminal. Um daqueles pequenos, de colo. O nome dele ecoou pelo alto-falante umas quatro vezes.

Quatro.

Mais do que o meu foi chamado no último ano.

Ninguém sente minha ausência porque ninguém sabe da minha existência.

Tem algo cruel em ser visto sem ser lembrado.
Em esbarrar em gente que olha por cima, por dentro, e
não vê.
Em ter corpo, sombra e silêncio
— mas não história que interessa.

Lembro de quando ouvia meu nome e virava rápido.
Como se alguém tivesse me puxado de volta pro mundo.
Hoje, se alguém gritasse, talvez eu nem reagisse. Ou
talvez tremesse inteiro, como quem escuta um fantasma.

Aqui dentro, sou só “o homem do canto”, “o que sempre
está”, “o que não embarca”.
E essas definições doem menos do que admitir que
ninguém espera por mim em lugar nenhum.

Já pensei em me inventar um nome novo.
Mas pra quê?
Não tem ninguém pra chamar.

Talvez eu não precise de nome.
Talvez eu seja só um eco de quem fui.
Ou um aviso pra quem está chegando.

Tipo aqueles sons que tocam quando uma porta abre:
presença sem identidade.

CAPÍTULO 7

TALVEZ AMANHÃ

Hoje pensei: talvez amanhã eu vá.
Não hoje. Hoje não dá.
Tem a fila do café, tem gente demais, tem chuva lá fora.
Mas amanhã...
Amanhã parece viável.

Dormi mal, como sempre. Ou melhor: dormi pouco.
Acordei antes da limpeza passar, antes dos alto-falantes
começarem a cuspir destinos.
Tive a impressão de que algo ia mudar.
Não mudou.

Me levantei mais cedo.
Fiz a barba no banheiro do fundo. Usei sabão líquido de
mão e uma lâmina esquecida.
Olhei meu rosto no espelho trincado.
Não me reconheci de primeira.
Pensei: "É assim que vou quando for?"

Caminhei até o portão 19.
Sentei de frente pra ele.
Fiquei ali. Esperando não sei o quê.
Talvez um sinal.
Talvez coragem.

Vi uma jovem chorando com o rosto enterrado no colo.
Dois adultos discutindo baixinho sobre dinheiro.
Um adolescente filmando tudo com o celular.
E eu ali, no meio, como se fizesse parte da mobília
emocional do lugar.

Talvez amanhã.
Amanhã pode ser menos pesado.
Talvez a dor nas costas passe.
Talvez o medo baixe o tom.
Talvez o mundo esteja mais quieto, mais convidativo.

Já perdi as contas de quantas vezes pensei isso.
Talvez amanhã eu escreva de novo.
Talvez amanhã eu caminhe até o painel com outra
intenção.
Talvez amanhã eu pare de achar que viver é sobreviver.

O problema do “talvez” é que ele sempre tem um
amanhã pra se esconder.

E eu vou ficando.
Com as promessas suspensas, os gestos inacabados, os
ensaios de partida.
Como um ator que nunca entra em cena.
Como uma mala que gira na esteira sem ser reclamada.

Amanhã.
Talvez.

CAPÍTULO 8

O PORTÃO NUNCA FECHOU

Fiquei olhando aquele portão por quase uma hora hoje.
Nenhum segurança. Nenhum aviso de “encerrado”.
Nenhum cadeado.
Só ele ali. Aberto.
Como sempre esteve.

E pela primeira vez, pensei:
e se o portão nunca fechou?
E se sou eu que nunca cruzei?

A ideia me deixou desconfortável.
Ser prisioneiro do mundo é suportável. Dá raiva, dá discurso, dá identidade.
Mas ser o próprio carcereiro...
isso arranca a pele.

Olhei em volta. Ninguém me segurava. Ninguém me impedia.
A verdade é que ninguém se importa se eu vou ou fico.
E essa indiferença, por mais dolorida que seja, também é liberdade.

Talvez eu tenha confundido conforto com prisão.
Talvez a repetição me tenha servido como desculpa pra não precisar enfrentar o espelho do mundo.

O portão ali.

Aberto.

Sempre esteve.

Como uma ferida cicatrizada demais pra sangrar de novo.

Pensei:

talvez eu só precise atravessar.

Não precisa ser bonito. Nem resolvido.

Só atravessar.

Mas fiquei.

Fiquei porque ainda estou preso a um tipo de medo que não sei nomear.

Fiquei porque sair exige uma versão minha que ainda não terminei de esculpir.

Fiquei porque até a liberdade dá vertigem quando se está parado demais.

E talvez, só talvez, amanhã eu diga pra mim mesmo:

“Hoje foi o último dia de espera.”

Mas hoje não.

Hoje eu só aceitei: o portão nunca fechou.

Fui eu que nunca cruzei.

CAPÍTULO 9

O MESMO CAFÉ, O MESMO GOSTO

É sempre a mesma máquina. Mesmo botão. Mesmo ruído metálico antes do líquido escorrer.

Mesmo copo descartável que queima os dedos, mas esfria rápido demais.

O café daqui não muda.

E, por muito tempo, isso me deu alguma sensação de estabilidade.

Quase um ritual.

Quase um lar.

Mas hoje percebi que ele já não tem gosto.

Não é ruim.

Nem bom.

É só... nada.

Como tudo aqui.

Como eu aqui.

Sentei com o copo entre as mãos e percebi que o calor era mais simbólico do que real. Como se eu quisesse queimar um pouco os dedos só pra sentir que ainda estou aqui. Às vezes preciso de dor leve pra lembrar que não fui apagado.

A poltrona onde sento tem uma mancha escura no braço.
Já tentei não reparar.
Hoje reparei de novo.
Acho que, sem querer, criei uma cartografia da
estagnação: cada mancha, cada trinca, cada rangido é
parte do meu território.

O atendente da lanchonete nova me ofereceu açúcar.
Disse “pra mudar um pouco o gosto”.
Sorri de canto.
Pensei: se ele soubesse.

Se soubesse que o gosto não muda com açúcar.
Que o problema não está na doçura, mas na ausência.
Que tem sabores que o corpo já não processa, porque a
alma já desligou os sensores.

O café de hoje foi o mesmo de ontem.
Mas hoje eu notei.
E isso me preocupou.

Porque quando até a repetição se torna insuportável, ou
você se move...
...ou afunda.

Não me movi. Ainda.

Mas hoje, pela primeira vez em muito tempo, deixei
metade do café no copo.
Não por pressa.
Mas por saturação.

E isso, no meu mundo,
é quase um grito.

CAPÍTULO 10

VI ALGUÉM PARECIDO COMIGO

Foi rápido.

Mas o suficiente pra me desmontar por dentro.

Estava indo buscar água no bebedouro quando vi um homem passando no sentido contrário.

Mesma postura.

Mesma barba grisalha, roupa escura, passos lentos, olhar de quem não está mais aqui.

Meu corpo congelou por um instante.

Como se uma parte minha tivesse continuado andando e a outra ficado.

Não era exatamente igual.

Mas o “ar” era o mesmo.

Sabe aquele tipo de semelhança que não se mede com os olhos?

Era isso.

Um eco de mim atravessando o terminal como quem ainda carrega o fôlego que eu perdi.

Pensei em seguir.

Falar com ele.

Dizer algo idiota como “você me parece familiar”.

Mas não fui.

Fiquei ali, parado, tentando lembrar se aquilo era uma alucinação ou um espelho vivo.

E, por um segundo absurdo, pensei:
e se fosse eu mesmo?

Não no sentido místico.

No literal.

E se aquele fosse o eu que foi embora quando eu fiquei?
A versão que levantou antes, que embarcou, que não teve medo de andar na direção do que não sabia.

Senti uma espécie de luto estranho.

Como se tivesse perdido alguém que ainda está vivo.

E que sou eu.

Voltei pra minha cadeira com um copo vazio.

Nem lembro se cheguei a beber água.

O homem seguiu.

Desapareceu no fluxo.

E eu fiquei.

De novo.

Mas o mais perturbador foi pensar que, de longe, talvez eu também pareça alguém que desistiu.

Alguém que se parece com outros que nunca partiram.

E talvez a gente se reconheça porque carrega o mesmo cheiro de tempo guardado.

CAPÍTULO 11

UM ANÚNCIO CHAMOU MEU NOME

Foi no fim da tarde.

A hora em que o barulho do terminal começa a se parecer com o do mar: constante, sem forma, meio hipnótico.

Eu tava de cabeça baixa, com a testa encostada na mão, quando ouvi.

No alto-falante.

Clara.

Direta.

Meu nome.

Não parecido.

O meu.

Aquilo me atravessou como um raio silencioso.

Levei uns três segundos pra levantar a cabeça.

Olhei em volta.

Ninguém reagiu.

Ninguém olhou.

Ninguém buscou confirmação.

Como se só eu tivesse escutado.

Como se o sistema de som tivesse falado só comigo.

Parei.

O coração disparado.

O corpo meio tenso, meio trêmulo.

Como quem é pego numa mentira que nem contou.

Tentei voltar o som na mente.
Repeti a entonação.
"Senhor _____, dirija-se ao portão..."

E então... nada.
O fim da frase se perdeu.
A voz sumiu.

Passei o resto do dia me perguntando se ouvi mesmo.
Ou se desejei tanto ser chamado, que minha cabeça me atendeu.

A verdade é que eu não sei mais o que é escutar de verdade.
O que é realidade aqui dentro.
O que é projeção.
O que é carência com sotaque de aviso público.

Voltei pra cadeira como quem volta de uma guerra breve.
Pálido, exausto, um pouco ridículo.

E o pior?
Fiquei esperando que chamassem de novo.
Não levantei.
Não fui até o balcão perguntar.
Só esperei.
Como se isso validasse o que talvez nunca aconteceu.

No fim, a voz não voltou.
O nome sumiu.

E eu... fiquei com essa frase inacabada dentro de mim,
como tantas outras.

Talvez tenham mesmo me chamado.

Talvez não.

Talvez o silêncio seja só mais alto quando você precisa ser ouvido.

CAPÍTULO 12

ASSISTI UMA PARTIDA

Não era ninguém conhecido.
Era só uma mulher.
Quarenta e poucos.
Casaco leve, mochila pequena, olhar resolvido.
Ela estava sentada umas cadeiras à frente, perto do painel.
Dava pra ver que estava sozinha — e em paz com isso.

Não tinha drama.
Não havia despedida.
Nem ninguém pra abraçar.

Apenas ela.
Com um bilhete na mão e um fôlego inteiro no peito.

Acompanhei os movimentos dela como quem assiste um filme mudo:
Ela levantou.
Ajustou a alça da mochila.
Conferiu o painel.
Sorriu — não pra alguém, mas pra si.

E foi.

Passou pelo portão sem hesitar.
Não olhou pra trás.
Não tropeçou nos próprios pensamentos.
Ela foi como quem sabe que ir dói, mas que ficar... desgasta.

Fiquei ali, paralisado, sentindo algo que não era inveja.
Era outra coisa.
Admiração, talvez.
Ou uma espécie de saudade antecipada de quem eu seria se tivesse feito o mesmo.

Pela primeira vez, enxerguei o ato de partir como poesia.
Não como falha.
Não como fuga.
Mas como coragem.

Fiquei imaginando o que ela deixou.
Quem ela perdoou pra poder ir.
O que ela aceitou perder pra não perder a si mesma.

Não sei pra onde ela foi.
Nem se volta.
Mas naquela imagem inteira — pequena, simples, comum
— havia uma liberdade que não cabia aqui dentro.

E por um segundo, só um, achei que eu também conseguiria.
Levantar.
Ir.
Mudar.

Mas a cadeira ainda me conhece bem.
E meu corpo... ainda pesa.

CAPÍTULO 13

FIQUEI DOENTE POR UNS DIAS

Não sei exatamente o que foi.

Febre leve.

Tontura.

Corpo mole, como se o chão tivesse ficado mais inclinado do que devia.

Passei dois, três dias na mesma cadeira sem levantar.

O pessoal da limpeza passou por mim como sempre.

Ninguém perguntou nada.

Talvez acharam que eu dormia.

Ou que era só mais um corpo cansado demais pra reagir ao mundo.

Nesses dias, não escrevi.

Não pensei.

Só fui derretendo devagar, como gelo esquecido fora do copo.

Foi estranho perceber que, mesmo debilitado, ninguém reparava.

Não é drama.

É constatação.

Se eu escorregasse da cadeira, talvez limpassem.

Talvez levassem.

Mas enquanto eu respirasse — mesmo fraco —, eu era só parte da mobília.

O mais difícil de ficar doente aqui dentro não é a dor.
É a ausência de cuidado.
É saber que, se você sumisse, talvez ninguém desse falta.
Talvez nem soubessem seu nome pra anunciar.

Teve um momento em que a cabeça girou tanto que
achei que ia cair.
Mas não caí.
E parte de mim lamentou por isso.

Porque cair talvez provocasse reação.
Movimento.
Alarme.

Mas sobreviver...
Sobreviver em silêncio é como gritar num sonho.
Você faz força, mas o som não sai.

Melhorei.
O corpo voltou ao eixo.
Ainda fraco, ainda lento.
Mas de pé.

E com isso, uma ideia veio:
se até o corpo cansa de ficar parado...
então talvez eu esteja traindo ele com essa espera.

CAPÍTULO 14

A MALA AINDA ESTÁ ALI

Faz dias que aquela mala está ali.
Encostada perto da lixeira do corredor leste, ao lado de
uma pilastra rachada que ninguém nota.

Não tem etiqueta.
Não tem dono.
Não se move.

É azul escuro, com o zíper ligeiramente aberto.
Mas não o suficiente pra revelar nada.
Apenas o bastante pra inquietar.

Pensei em abrir.
Juro.
Cheguei perto mais de uma vez.
Mas tem algo naquela mala que não deixa.
Talvez medo do que ela carrega.
Talvez medo de reconhecer alguma coisa dentro.
Talvez... porque abrir aquilo seria como encarar o que foi
deixado pra trás.
E eu sei bem o peso disso.

Ninguém a recolheu.
Nenhum segurança.
Nenhuma autoridade.
Parece que a mala se tornou parte do lugar.
Como eu.

E aí, claro, me veio o pensamento que sempre vem:
e se for minha?

Não no sentido literal.

Mas simbólico.

E se eu a deixei ali sem lembrar?

E se tudo que eu tento esquecer está guardado ali dentro,
à espera de coragem?

Tem algo curioso em ver um objeto abandonado:

ele não grita, não pede socorro, não ameaça.

Ele apenas permanece.

E essa permanência tem um tipo de voz muda que me
desconcerta mais do que qualquer grito.

Hoje passei por ela de novo.

Parei.

Olhei com mais tempo.

Percebi arranhões na lateral. Poeira acumulada.

Ela está esquecida, mas inteira.

Como alguém que foi deixado pra trás, mas ainda tem
tudo dentro.

Não toquei.

Ainda não.

Mas pensei:

o que tem ali pode ser o que falta aqui.

Ou pode ser só vazio com fecho.

De todo modo, amanhã...

eu passo de novo.

CAPÍTULO 15

ÚLTIMO ASSENTO DA FILEIRA C

Hoje não fui direto pra minha cadeira de sempre.

Passei por ela, olhei, hesitei.

Tava vazia, como sempre.

Me esperando.

Como um vício esperando a recaída.

Mas não sentei.

Continuei andando devagar, sem saber exatamente pra onde.

Fui até a fileira C.

Nunca sentei ali.

Muito perto da porta de entrada.

Muito “exposto”.

Muito... novo.

Mas sentei.

O assento era mais firme.

Menos moldado ao meu corpo.

Apoio de braço duro.

Sem marcas.

Sem a curva exata das minhas costas acostumadas ao outro lugar.

Foi desconfortável.

Mas foi.

Fiquei ali por trinta minutos, talvez mais.
Vendo as pessoas entrarem.
O movimento do começo.
O som de rodinhas no piso, risos nervosos, gente
procurando portão, procurando lugar.

Do assento antigo, eu via o fluxo indo.
Desse, eu vejo o fluxo chegando.

É uma mudança besta.
Três metros.
Quatro passos.

Mas foi o meu corpo que decidiu.
E dessa vez, eu obedeci.

Me perguntei por que nunca tinha feito isso.
E a resposta foi imediata: porque mudar de lugar é
admitir que você pode, sim, mudar.

E por mais que eu fale disso,
pensar é mais fácil do que provar.

Hoje provei.

Ninguém notou, claro.
Ninguém aplaudiu.
Não teve trilha sonora nem narração em off.

Mas dentro de mim teve alguma coisa.
Um estalo leve.
Como se eu dissesse pra mim mesmo:
“eu ainda posso ir embora quando quiser.”

Voltei pro assento antigo depois.
Mas já não sentei igual.
Agora ele sabe que não sou mais dele.
Sou... talvez, de lugar nenhum.

Ou, pela primeira vez,
de mim.

CAPÍTULO 16

O GUARDA ME PERGUNTOU SE EU ESTAVA BEM

Foi ontem.

Ou hoje.

Não sei mais o que é ontem aqui dentro.

Ele parou do lado, não muito próximo, nem ameaçador.

Apenas parou.

Com o cinto cheio de chaveiros e a cara cansada de quem já viu gente demais rodando no mesmo chão.

Disse:

— “Tá tudo bem com o senhor?”

Demorei pra responder.

Primeiro porque não sabia se era comigo.

Depois porque não sabia o que responder.

Fiquei em silêncio alguns segundos, como se a pergunta fosse uma charada.

Como se ele estivesse testando se eu ainda sabia formular uma frase.

Acenei com a cabeça.

Aquele gesto de quem diz “sim” só pra encerrar.

Ele assentiu de volta e foi embora.

Devagar.

Sem cobrar nada.

Mas ficou.

Não ele.

A pergunta.

“Tá tudo bem com o senhor?”

Não lembro a última vez que alguém me perguntou isso.

Talvez ninguém tenha perguntado nos últimos meses.

Ou talvez tenham perguntado e eu simplesmente não ouvi, porque já me acostumei com o eco.

O incômodo veio depois.

No corpo.

Na garganta.

Na sensação de que, por um instante, fui visto.

E isso, mais do que o abandono, me desestabiliza.

Porque a dor da ausência é constante.

Mas a dor da lembrança... é como choque.

Passei o resto do dia revendo a cena.

O jeito que ele falou.

O jeito que eu fugi.

Pensei que talvez eu devesse ter dito:

“Não.”

Ou:

“Nem sei.”

Ou só:

“Obrigado por perguntar.”

Mas não disse.

Talvez porque admitir que algo não vai bem signifique que ainda há algo vivo em mim.

E isso, às vezes, dói mais do que estar quebrado.

Hoje, voltei a sentar no assento da fileira C.

Aquele que me parece menos meu.

Fiquei observando o movimento e esperando, não sei por quê, que o guarda passasse de novo.

Não passou.

Mas agora sei que a pergunta ficou.

E isso, de algum modo, abriu uma fenda onde antes só havia concreto.

CAPÍTULO 17

NÃO TENHO MAIS CERTEZA SE ESTOU ESPERANDO ALGUÉM

Já fui convencido de que estava.
De que havia um motivo nobre pra ficar.
Um reencontro, talvez.
Alguém que voltaria.
Uma conversa que precisava acontecer.
Um acerto de contas.

Mas hoje, sentado onde costumo não estar, senti que
essa espera talvez nunca tenha sido por outro.
Talvez sempre tenha sido por mim.

É estranho pensar nisso depois de tanto tempo:
o vazio que achei que vinha de fora...
era só meu.

Comecei a revisitar nomes.
Rostos.
Situações que deixei abertas, esperando o desfecho que
nunca veio.
E percebi que muito do que chamei de “esperar alguém”
era só medo de assumir que eu não queria seguir.

Porque enquanto você acredita que está esperando
alguém, ainda há romance.
Ainda há narrativa.
Um quê de tragédia bonita.

Mas quando percebe que ninguém vem...
que ninguém prometeu...
que ninguém sequer sabe que você ficou —

aí vira silêncio cru.
Sem enfeite.

Hoje percebi que talvez nunca tenha havido um “alguém”.
Ou pior: talvez tenha havido, mas eu usei essa pessoa
como desculpa.
Pra não partir.
Pra não falhar.
Pra não tentar de novo.

É duro admitir isso.

Porque quando você se dá conta de que está esperando
por você mesmo, não dá mais pra jogar a culpa pra fora.
Nem pro tempo.
Nem pro destino.
Nem pro amor que não veio.

Só sobra você.
No espelho.
Na cadeira.
No reflexo torto da vitrine da cafeteria.

Não tenho mais certeza se estou esperando alguém.
E essa dúvida, por mais que doa, é o começo de algo.
Não sei o quê.
Mas sei que já não posso me enganar como antes.

Talvez eu não esteja mais esperando.
Talvez eu só esteja decidindo.

CAPÍTULO 18

ESCREVI UMA CARTA QUE NÃO QUERO ENVIAR

Não foi planejado.

Comecei a rabiscar no caderno azul enquanto o barulho do terminal fazia o fundo musical de sempre.

Mas as palavras saíram com uma precisão que me assustou.

Não teve “querida”.

Nem “desculpa”.

Nem “sinto muito”.

Começou direto.

Cru.

Como tudo deveria ser.

Eu escrevia como se a pessoa estivesse ali.

Como se ainda lembrasse de mim com alguma nitidez.

Como se, ao escrever, eu também me lembrasse de quem fui ao lado dela.

Falei sobre o que nunca disse.

Sobre o que calei por orgulho.

Sobre o que escondi por medo.

Sobre o que entreguei pela metade esperando reconhecimento inteiro.

A carta foi crescendo.

Ganhando corpo.

Ganhando voz.

Em um trecho, escrevi:

“Você não foi o problema. Eu fui o silêncio.”

Quando terminei, não assinei.

Não por vergonha.

Mas porque percebi que, no fundo, a carta não era pra ela.

Era pra mim.

Pro eu que ficou esperando que o mundo resolvesse o que eu nunca tive coragem de enfrentar.

Dobrei o papel com cuidado.

Sem pressa.

Guardei dentro do caderno.

Como quem enterra uma cápsula no tempo.

Não vou enviar.

Não quero.

Porque, agora, ela não precisa saber.

Quem precisava saber... era eu.

E saber, por mais que não resolva, reposiciona.

É isso que essa carta fez.

Ela me reposicionou.

Um passo.

Sem som.

Mas firme.

CARTA
NUNCA
ENVIADA

Eu sei.

Demorei pra entender o que você já sabia há muito tempo.

Demorei pra admitir.

Demorei pra ser homem o bastante pra não fugir.

Você me deu espaço, e eu ocupei com silêncio.

Você me ofereceu presença, e eu devolvi ausência emocional.

Não por maldade.

Por medo.

Medo de não dar conta, medo de falhar, medo de ser pequeno diante da sua grandeza.

Eu não soube dividir o mundo com alguém tão inteiro.

E ao invés de aprender, me escondi.

Tentei te conter.

Tentei te reduzir pra caber no meu limite — e, no processo, me tornei menor do que poderia ter sido.

Eu não me reconhecia ao seu lado, e ao invés de investigar isso com você, preferi construir muros dentro de mim.

Fingir que tava tudo bem.

Fingir que o problema era o tempo, o trabalho, as diferenças.

Mas era eu.

Sempre fui eu.

Eu queria ser o parceiro à altura, mas vivia como quem só cumpre papel.

E papel, você sempre soube, não preenche presença.

Você queria verdade, e eu entregava estrutura.

Você queria alguém que estivesse inteiro — e eu estava só disponível.

Me doía te ver tão à frente.

Me feria não por inveja, mas por inadequação.

Você brilhava, e eu me retraía.

Como se seu sucesso apagasse o que eu não tive coragem de construir em mim.

Hoje entendo que isso não era culpa sua.

Era meu espelho rachado tentando culpar o sol pelo reflexo torto.

Você merecia mais.

E talvez o mais doesse justamente por isso: porque eu sabia disso desde sempre.

Sabia, mas fiquei.

Sabia, mas te puxei junto pra esse lugar de espera.

Se eu tivesse coragem na época, teria dito tudo isso antes.

Mas só agora consigo.

E talvez agora seja tarde.

Mas não dizer seria covardia eterna.

Então digo.

Você foi maior do que eu podia acompanhar.

E eu, menor do que fingia ser.

CAPÍTULO 19

A LUZ DO FIM DA TARDE BATEU DIFERENTE

Foi simples.

Um feixe atravessou os vidros sujos do teto do terminal e me acertou bem no rosto.

Daqueles que forçam você a fechar um pouco os olhos, como quem acorda sem querer.

A luz não era especial.

Era a mesma de todo dia.

Mas hoje... bateu diferente.

Talvez porque eu estivesse no lugar certo pra recebê-la.

Ou, quem sabe, porque pela primeira vez em muito tempo, eu estivesse disposto a notar.

O chão, normalmente opaco, ficou levemente dourado.

A poeira no ar virou dança.

As sombras ficaram mais longas, mais dramáticas, como se o tempo tivesse decidido fazer pose.

Eu não sorri.

Mas também não chorei.

Só respirei fundo.

Com mais atenção do que de costume.

E, por alguns segundos — poucos, mas inteiros —, não
pensei em partir.
Nem em ficar.
Nem em passado.
Nem em ausência.

Pensei em... nada.
Só estive.

Ali.
Sob aquela luz torta.
Com o calor leve no rosto.
E o silêncio, por um momento, não parecia pesar.
Parecia companhia.

A luz durou pouco.
O sol se moveu.
A tarde virou noite.
O terminal voltou ao seu tom pálido.

Mas ficou.

Ficou a sensação de ter sido tocado por algo que não me
exigia resposta.
Nem postura.
Nem solução.

Só presença.

E, nesse mundo de esperas e ruídos,
isso já é quase milagre.

CAPÍTULO 20

ALGUÉM SENTOU AO MEU LADO

Foi sem aviso.
Sem barulho.
Sem pedir licença.

Quando vi, já estava ali.
Uma pessoa — talvez trinta e poucos, talvez mais.
Casaco largo, mochila no colo, olhar calmo demais pra quem vive no mundo real.

Sentou devagar, como quem já conhece a geografia do lugar.
Como quem não precisava de permissão.

Fiquei imóvel.
Não por medo.
Por desconforto.

Minha solidão, por mais que doa, é conhecida.
Tem espaço pra se esticar, pra respirar.
Com alguém do lado, ela encolhe.
Fica apertada, sem ar.

Esperei por palavras.
Um cumprimento, um comentário sobre os atrasos, o frio do ar-condicionado, qualquer coisa.

Mas nada.

A pessoa ficou ali.
Silenciosa.
Como eu.

Por instantes, nossos silêncios pareciam conversar.
Como se dissessem um ao outro:
“Eu também não sei mais como se fala.”

O corpo do outro existia.
Eu sentia o calor próximo, o leve atrito do tecido.
E isso me lembrou de algo que eu tinha esquecido:
meu corpo também existe.
Também ocupa espaço.

Incrível como o outro nos devolve a noção de presença.
Mesmo sem nos tocar.

Fiquei tentado a levantar.
A sair dali, me recolher de novo.

Mas não fui.
Fiquei.

Como um teste. Como se aguentar aquela proximidade
fosse meu novo exercício.

Ficamos ali.
Minutos, talvez horas.
Dois desconhecidos partilhando um banco e o cansaço
de existir.

Depois, ele — ou ela — levantou.
Sem palavra.
Sem olhar.

Foi embora como chegou:
leve, silencioso, exato.

E eu?
Continuei ali.

Mas algo havia mudado.

A cadeira já não era só minha.
O espaço já não era só meu.

Agora, tinha memória.
Tinha outro cheiro.

E, estranhamente...
não doía.

CAPÍTULO 21

OUI ALGUÉM RIR E DOEU

Foi um riso alto.
Sincero.
Descontrolado, até.

Vinha de uma mulher — mais jovem.
Conversava com alguém pelo telefone ou por
mensagem de voz.
Não sei.
Só sei que ela ria como quem ainda acredita no mundo.

E aquilo... doeu.

Não porque fosse ofensivo.
Não porque estivesse zombando de mim.
Mas porque era vivo.

Tão vivo que me lembrou que eu não estava.

A risada ecoou pelo saguão e bateu em mim com mais
força do que qualquer voz triste.
A tristeza, eu entendo.
Ela me é familiar.
Mas a alegria...
a alegria dos outros me expõe.

Me lembrou dos risos que já foram meus.
Dos dias em que gargalhar não era um esforço.
Dos momentos em que o som que saía da minha boca
não precisava de justificativa.

Fiquei com raiva.

Dela?

Não.

De mim.

Por ter deixado o riso escorrer sem perceber.

Por ter trocado a leveza pela vigília constante.

Fechei os olhos e tentei lembrar qual foi a última vez que ri assim.

Não consegui.

Talvez porque o riso não se guarda na memória como dor.

Ele passa.

Voa.

Vai embora sem pedir desculpa.

E quando você percebe...

já faz anos.

Ela foi embora pouco depois.

Ainda rindo.

Com aquele tipo de paz que não se compra, só se permite.

Fiquei ali, mudo.

E com uma vontade idiota de rir também.

Só pra lembrar o som que fazia.

Mas não veio.

Talvez amanhã.

Ou depois.

Ou, quem sabe, um dia.

CAPÍTULO 22

VI ALGUÉM VOLTAR DO EMBARQUE

Foi rápido.

Mas eu vi.

A porta de vidro se abriu — aquela que só abre pra quem vai.

E, por ela, veio alguém voltando.

Não correndo.

Não chorando.

Só voltando.

Com a mala na mão e o olhar vazio.

Ninguém reagiu.

Nenhum alarme tocou.

A segurança nem olhou.

Era como se o ato de desistir de partir fosse tão comum quanto o de chegar.

Mas pra mim... não.

Porque, até então, eu achava que quem embarcava ia embora pra sempre.

Que cruzar aquela porta era definitivo.

Que o mundo lá fora engolia quem ousava sair.

Mas agora vi que não.
Nem todo mundo que parte segue.
Alguns voltam.
Machucados.
Desiludidos.
Ou só... arrependidos.

E isso me desmontou.

Porque se é possível voltar,
então o embarque não é o fim.
É só mais um ponto na curva.

E mais:
se é possível desistir de ir...
também deve ser possível desistir de ficar.

A pessoa — homem, talvez da minha idade —
sentou duas fileiras adiante.
Olhar baixo.
Suando.
Cansado como quem atravessou um deserto e só
encontrou espelho.

Não conversamos.
Mas fiquei olhando de longe.
Reconheci no corpo dele uma derrota parecida
com a minha.

E, ao mesmo tempo,
um tipo de coragem que eu ainda não tive:
a de ir...
e admitir que voltar também é caminho.

Essa cena me grudou.
Fiquei ali até ele levantar e sumir.
Nem sei se saiu do terminal.
Nem sei se existe, de fato.
Mas eu vi.

E agora sei:
o embarque não é heroico.
A desistência também não é fracasso.
Talvez tudo seja só tentativa.

E talvez...
isso seja o bastante.

CAPÍTULO 23

TIVE UM SONHO ESTRANHO COM UM PORTÃO QUE NÃO LEVAVA A LUGAR NENHUM

Era noite, ou pelo menos parecia.

No sonho, eu estava no terminal — o mesmo — mas tudo era mais alto, mais escuro, mais ecoado. Os letreiros piscavam nomes de cidades que não existem. E as vozes do sistema de som falavam numa língua que eu sentia que conhecia, mas não entendia.

Eu caminhava com passos pesados, como se o chão fosse feito de pano molhado. Segurava uma mala — não a minha — mas sabia que era minha.

O portão estava à frente: Portão 00.

Sim, dois zeros.

Luminosos.

Tremendo levemente, como se a realidade estivesse mal encaixada.

Não havia fila.

Não havia atendente.

Só aquele portão.

E, por algum motivo, eu sabia que ele não levava a lugar nenhum.

Mas ainda assim fui até ele.

Quando cheguei perto, uma senhora apareceu.

Velha.

Muito.

Vestia um uniforme antigo, algo entre uma aeromoça e uma enfermeira.

Olhou pra mim e disse:

— “Esse portão só abre por dentro.”

E sumiu.

Fiquei ali, parado.

Esperando alguém abrir do outro lado.

Esperando ouvir passos, chaves, vozes.

Mas nada.

Só silêncio.

E a certeza absurda de que

o que está do outro lado... sou eu.

Acordei suando.

Com a garganta seca.

E o número 00 cravado na mente como tatuagem.

Fiquei um tempo sentado,

olhando o portão real —

aquele do terminal.

Ele também estava fechado.

Mas agora parecia... menor.

Desde então, venho pensando:
e se todos os portões que procuro abrir do lado de fora
só abrem quando algo aqui dentro estiver pronto?

E se o lugar onde espero a vida me buscar
é o mesmo lugar de onde ela está me esperando partir?

Talvez o sonho não tenha sido estranho.
Talvez tenha sido honesto demais.

CAPÍTULO 24

ENCONTREI UMA CARTA ANTIGA DENTRO DA MINHA MALA

Estava procurando uma blusa mais quente.
A temperatura do terminal despencou, sem aviso.

Abri a mala, aquela que quase nunca abro.
A mesma que já virou banco, apoio, mesa improvisada.

Lá no fundo, entre uma meia esquecida e um livro de
capa desbotada,
encontrei uma carta.
Dobrada com cuidado.
Com meu nome escrito na frente.
Na minha letra.

Sentei.
Respirei fundo.
Desdobrei.

A carta era de mim.
De um eu que ainda acreditava que iria.

Tinha data — antiga.
Tão antiga que parece escrita por outra pessoa.
“Se você estiver lendo isso,” começava,
“é porque ainda não foi.”

Continuei.

A carta falava de planos.
De promessas feitas a mim mesmo.
De uma lista de lugares que eu queria visitar.
De coisas que eu jurava que nunca aceitaria.
De medos que eu achava que já tinha vencido.

E aí, no meio do papel, uma frase sublinhada:
Você não é o que aconteceu com você.
Você é o que faz com o que aconteceu.”

Li essa frase três vezes.
Como se tivesse sido escrita por alguém que me amava.
E, de algum modo, foi.

Terminei de ler e não chorei.
Mas senti um tipo de luto.
Luto de mim.

Por tudo o que deixei de fazer.
Pelas vezes que aceitei ficar quando queria partir.
Pelas versões de mim que abandonei no caminho, como
pele velha.

Guardei a carta de novo.
Não no fundo.
Na frente agora.

Quero lembrar que já fui alguém que acreditava.
E talvez, só talvez, esse cara ainda esteja por aqui.

Mais calado. Mais desconfiado. Mais cansado.

Mas vivo.

CAPÍTULO 25

NÃO SEI SE ESTOU MAIS PERTO DO FIM OU DO COMEÇO

Acordei com essa frase na cabeça.

Sem motivo.

Sem sonho antes dela.

Apenas isso:

“Não sei se estou mais perto do fim ou do começo.”

Fiquei sentado olhando a parede de vidro rachada do terminal, como se ela fosse me responder.

Mas não respondeu.

Há dias em que acho que estou saindo.

Em que sinto algo se organizando aqui dentro.

Um impulso leve.

Um querer.

Mas então vem o peso.

O som abafado dos alto-falantes anunciando embarques que não são meus.

O reflexo do meu rosto nos painéis.

As perguntas sem resposta.

E penso:

talvez isso aqui seja o fim.

Mas o que é fim, afinal?

O ponto onde a história morre?
Ou onde ela, finalmente, deixa de fingir que é outra coisa?

Talvez o fim não seja ruína.
Seja revelação.

O começo, por outro lado, sempre parece promissor.
Mas também carrega o terror de tudo o que ainda pode
dar errado.

O fim consola.
O começo exige.

E estou cansado de exigir de mim.

Então fiquei ali.
Mais um dia, mais um café ruim, mais um bilhete de
embarque alheio voando pelo chão.

Mas com a sensação incômoda — quase reconfortante —
de que talvez eu não precise mais saber pra onde vou.
Talvez eu só precise... ir.

Não por pressa.
Mas por dignidade.

Porque ficar esperando a certeza é, no fundo, esperar
permissão.
E ninguém vai me dar isso.

Não sei se estou mais perto do fim ou do começo.

Mas hoje, pela primeira vez,
não parece que isso importa tanto.

CAPÍTULO 26

HOJE PENSEI EM ATRAVESSAR O PORTÃO SEM BILHETE

Foi só um pensamento.
Mas veio com força.

Eu estava na área comum.
O mesmo café barato.
O mesmo cheiro de tudo e de nada.

Olhei pro portão de embarque.
E pela primeira vez, em meses talvez, quis atravessar.

Sem bilhete.
Sem destino.
Sem explicação.

Apenas ir.

Não era fuga.
Era impulso.

Não era desespero.
Era coragem.

Olhei para os seguranças — distraídos, cansados.
Imaginei o alarme, os olhares, o bloqueio.
Mas nada disso me impediu de considerar.

O que me segurou foi o absurdo da cena:
e se me deixassem passar?

E se ninguém ligasse?
E se o sistema estivesse tão falho quanto eu?

A ideia me corroe.
E se eu já pudesse ter ido... esse tempo todo?

Fiquei parado ali, olhando o vidro.
A faixa vermelha no chão.
A pequena linha que separa o “ainda aqui” do “já fui”.

Uma criança passou correndo, segurando um brinquedo
barulhento.
Ela atravessou o portão errado.
A mãe gritou, o segurança riu.
Trouxeram a menina de volta.
Nada grave.

Mas algo em mim... invejou aquela travessia inocente.

Não é sobre o portão.
É sobre achar que precisa de autorização pra viver.

Hoje, pela primeira vez,
eu quis me mover.
Quis violar o protocolo.
Quis testar os limites.

Não fui.

Mas o desejo me atravessou.

E talvez, no fim das contas,
isso já seja o começo do movimento.

CAPÍTULO 27

AS MALAS DOS OUTROS PESAM MAIS QUE AS MINHAS

Passei boa parte da manhã observando gente passar.
É meu esporte favorito aqui.

Vi malas grandes demais pra viagens curtas.
Mochilas pequenas pra quem parecia carregar o mundo.

Tinha um homem empurrando duas malas e puxando
uma terceira.

Suava.

Bufava.

Mas seguia.

Vi uma senhora segurando uma bolsinha minúscula,
dessas de farmácia.

Andava leve.

Como quem não teme a ausência.

E foi aí que me dei conta: as malas dos outros parecem
sempre pesar mais que as minhas.

Talvez porque eu tenha me acostumado a não carregar
quase nada.

Ou talvez porque meu peso não seja visível.

O que eu carrego está espalhado no corpo.

Nos ombros.

Nos olhos.

No jeito que respiro quando ninguém está olhando.

Minha mala — a real — é leve.
Pouca roupa.
Um caderno.
Alguns papéis dobrados.

Mas dentro de mim,
tem uma bagagem inteira de frases não ditas, decisões
não tomadas, vontades amputadas.

E isso não passa no raio-x.

Talvez por isso ninguém me pare.
Ninguém me pergunte nada.
Ninguém desconfie.

Às vezes, penso que devia carregar algo físico só pra
equilibrar.
Pra não parecer tão invisível.

Mas não faço.

Porque parte de mim ainda gosta dessa leveza
disfarçada.

Ver os outros arrastando peso me dá uma ilusão besta
de que estou mais preparado.
Mas não estou.

Só estou mais silencioso.

E o silêncio, às vezes, pesa mais do que a mala lotada
daquele pai apressado.
Ou daquela moça que chora no telefone, com a
bagagem encostada na perna.

Todo mundo carrega alguma coisa.
A diferença é que alguns precisam das mãos.
E outros... só precisam continuar respirando.

CAPÍTULO 28

ME PERGUNTEI SE ALGUÉM SENTIRIA MINHA FALTA SE EU EMBARCASSE

Foi um pensamento sutil.

Não pesado.

Não dramático.

Só... sincero.

Eu olhava o letreiro eletrônico trocando os destinos.

Paris. Buenos Aires. Recife. Doha.

Como quem olha uma vitrine sabendo que não vai comprar nada.

E veio a pergunta, seca:

“Se eu embarcasse agora, alguém sentiria?”

Não “notaria”.

Notar é diferente.

Qualquer um nota uma ausência.

Mas sentir... é outra coisa.

Pensei em algumas pessoas.

Rostos desfocados.

Laços frouxos.

Talvez alguém se perguntasse onde estou.

Talvez alguém até enviasse uma mensagem.

Dessas que começam com “ei, sumido”

e terminam em silêncio.

Mas sentir minha falta?
O tipo de ausência que dói?

Não sei.

E aí, pensei:
eu mesmo sentiria falta de mim?

Ou sou só mais um corpo preenchendo espaço em
bancos frios?
Mais um rosto que se dissolve na multidão dos que não
foram nem vieram?

A resposta não veio.
Mas a pergunta ficou.

E, de alguma forma torta,
essa pergunta me fez companhia o resto do dia.

Mais do que a resposta,
o que importava era ter parado para perguntar.

Porque, no fundo, talvez seja esse o ponto de partida:

Quando a ausência incomoda... é porque ainda há
alguém querendo estar.

Mesmo que esse alguém, no caso, seja eu.

CAPÍTULO 29

HOJE CAMINHEI SEM RUMO DENTRO DO TERMINAL

Não foi planejado.
Não foi fuga.
Não era tentativa de nada.

Levantei.
Estiquei as pernas.
E caminhei.

Só isso.
Andar por andar.
Sem procurar portão.
Sem querer café.
Sem fingir que tinha um compromisso.

As pessoas passavam apressadas, como sempre.
Mas hoje eu não era um obstáculo.
Era parte do fluxo.
Um corpo qualquer, movendo-se como se soubesse
pra onde vai.

E aquilo... me deu paz.

O chão frio sob os sapatos.
As luzes piscando.
As vozes repetitivas do sistema de som.

Tudo ali, igual.
Mas algo em mim... diferente.

Pensei em sair do terminal.
Andar até a rua.
Respirar outro ar.

Mas não fui.

Porque hoje, o que me bastava era o movimento.

Não o destino.
Não o propósito.

Só o ato de ir.

Pelos corredores, vi reflexos meus em vitrines fechadas.
Eram múltiplos “eus”.
Todos caminhando juntos.
O que fui.
O que desisti de ser.
O que ainda não tive coragem de me tornar.

Nenhum me olhou nos olhos.
Mas senti a presença.

E então me dei conta:
mesmo parado por tanto tempo, eu mudei.
Mesmo no mesmo lugar, algo em mim se deslocou.

E isso... é o que eu tenho.

Voltei pro mesmo banco de sempre.

Mas agora ele parecia menor.

Ou eu... um pouco maior.

Talvez andar sem rumo seja o primeiro passo pra sair
de onde se está.

Mesmo que você volte pro mesmo lugar depois.

CAPÍTULO 30

ESCREVI UMA ÚLTIMA COISA NO CADERNO AZUL

Fazia tempo que ele estava fechado.
Esquecido embaixo da mala.
Com a capa cada vez mais suja, mais gasta.
Como eu.

Peguei a caneta.
Aquele que me emprestaram e nunca devolvi.
A mesma que me lembrou, naquele dia, que
eu ainda existia.

Abri o caderno.
A última página escrita estava manchada.
Tinta borrada.
Palavras trêmulas.

Fui para a folha seguinte.
Em branco.
Como tudo que me espera.

Segurei a caneta por um tempo.
Sem saber o que escrever.
Como se cada palavra fosse uma escolha irreversível.

Mas então, sem muito pensar, escrevi só isso:

“Ainda não fui.
Mas agora... estou pronto para ir.”

Fechei o caderno devagar.
Sem ponto final.
Sem assinatura.
Como quem sabe que talvez nunca volte a abrir.

Foi uma frase pequena.
Mas me pareceu maior que todos os portões do terminal.

Não sei pra onde vou.
Nem quando.
Nem como.

Mas algo em mim
— silencioso, maduro, intacto —
decidiu que o próximo passo será dado.

E isso não se escreve.
Se sente.

EPÍLOGO

O TERMINAL FICOU EM SILÊNCIO POR ALGUNS SEGUNDOS

Ninguém percebeu.

Mas eu sim.

O sistema de som falhou.

Os alto-falantes silenciaram.

As mensagens se interromperam no meio de palavras como “embarque” e “atenção”.

As malas deslizaram mais devagar.

Os passos pareceram afundar no chão encerado.

O tempo... parou, por um instante.

E nesse silêncio

— curto, imperceptível, absoluto —

eu senti algo que não sabia que ainda era possível sentir:

Paz.

Não por ter encontrado um destino.
Nem por ter superado nada.

Mas por ter suportado.
Por ter ficado.
Por ter sentido tudo sem desviar o rosto.

Naquele breve espaço entre os ruídos,
o terminal se transformou num espelho.

E ali, por um segundo,
me vi inteiro.

Não o que fui.
Nem o que queria ser.

Apenas eu.
Respirando.
Ali.
Ainda aqui.

E talvez, só talvez,
isso já seja mais do que suficiente.



TRECHOS
DO
DIÁRIO
NO
CADERNO
AZUL



Hoje me peguei desejando
que alguém me
confundisse com outra
pessoa.
Não porque quero ser
outro.
Mas porque, talvez, na
confusão, alguém me visse.

Tem dias que eu acordo
e penso:
"Se eu sumisse agora,
quem notaria primeiro?
A cadeira ou o cara da
limpeza?"

Quando você para por
tempo demais, começa a
se acostumar com o
gosto das coisas que
nunca aconteceram.

Ontem sonhei que
embarcava.
Mas o sonho terminava
antes do avião decolar.
Acordei com um gosto de
quase na garganta.
O mesmo gosto de sempre.



Fui ao banheiro e me
olhei no espelho por
muito tempo.
Não me achei feio. Nem
bonito. Nem nada.
É como olhar uma
parede esperando que
ela olhe de volta.

Tem gente que coleciona
carimbos no passaporte.
Eu coleciono tentativas de
levantar e desistências.

Pensei em morrer.
Não com dor. Nem com
carta. Nem com drama.
Só sumir no fluxo. Ser
confundido com uma
mala extraviada.
E que um dia alguém
abra — e encontre
apenas silêncio.

Uma mulher sorriu pra
mim hoje.
Não foi um sorriso
bonito. Foi humano.
Quase pedi desculpas por
estar tão despreparado
pra receber gentileza.



Às vezes rio sozinho
quando lembro que uma
vez achei que o amor
salvaria tudo. Tem dias
que o amor não salva nem
a memória.

Já pensei em sair
correndo daqui.
Mas onde quer que eu
vá, carrego isso dentro.
Esse "isso" que não sei
nomear.
Esse "isso" que nunca
passa, só muda de
cadeira.

Tem uma parte minha que
ainda acredita em milagre.
Mas ela só aparece quando
o café tá muito quente e o
céu lá fora muito azul.
E dura pouco.
Quase nada.

Me disseram que escrever
ajuda a organizar as ideias.
Mentira.
Escrever só me mostra o
quanto elas estão
desorganizadas.

NOTA FINAL
**PORQUE COMEÇAR
COMEÇA ASSIM**

Se você chegou até aqui, já sabe: esse livro não é uma ficção.
É um reflexo.
Do que paralisa.
Do que silencia.
Do que nos afunda sem precisar de mar.

Mas também é, no seu próprio ritmo, um ponto de partida.

Eu demorei pra admitir minhas falhas.
Demorei pra reconhecer que o que me prendia
não era o mundo, nem os outros — era eu.
Demorei pra perceber que assumir onde errei
não me torna menor.
Pelo contrário: me devolve o tamanho real.

Assumir que fugi.
Que sabotei.
Que me escondi atrás de versões fabricadas.
Que deixei passar pessoas que mereciam
minha presença inteira.
Que me ausentei até de mim mesmo.

Tudo isso doeu.
Mas começou ali: no reconhecimento.

Reconhecer não é cair.

É se ver.

E, quando você se vê de verdade — sem desculpa, sem verniz, sem máscara — pela primeira vez em muito tempo, existe uma chance.

Pequena, mas viva.

De movimento.

Eu não saí completamente do terminal.

Ainda tem partes minhas sentadas lá.

Ainda escuto vozes distantes me chamando pra fora...

...e às vezes finjo que não ouvi.

Mas hoje eu caminho.

Me levanto quando preciso.

Tomo café quente com gosto.

Escrevo.

Peço desculpas — não pra apagar o passado, mas pra abrir espaço no presente.

E talvez o mais importante:

parei de esperar que alguém me chame.

Eu mesmo, agora, digo meu nome em voz alta.

Mesmo que ninguém escute.

Se você está no seu próprio terminal,
que essa nota te sirva como o primeiro passo.

Não pra correr.

Não pra provar nada.

Mas pra começar.

Começar, às vezes, é só isso:
reconhecer que você ficou parado tempo demais.

E que, mesmo assim, ainda tem chão pela frente.

CAPÍTULO ESPECIAL

SAÍDA

Ninguém anuncia quando vai sair de um terminal.
Não há alto-falante chamando o nome, nem relógio confirmando que é a hora certa.
O que existe é um incômodo persistente, uma sensação de estar ocupando um lugar que já não responde ao corpo.

Eu fiquei tempo demais ali.
Não por covardia — mas porque o terminal tem bancos, teto, alguma previsibilidade.
É um lugar onde se pode fingir que ainda não decidiu nada, enquanto tudo já está decidido por dentro.

Eu tentei permanecer acompanhado.
A presença do outro ajudava a distrair o peso.
Havia riso, havia toque, havia aquela sensação boa de não estar sozinho no mundo.
Mas havia também algo que só aparecia quando eu me afastava:
eu não estava inteiro ali.

Quando estava com alguém, funcionava.
Quando estava comigo, reconhecia a ausência de mim mesmo.

Foi isso que começou a doer.

Não foi falta de amor.

Não foi medo do compromisso.

Foi sufocamento lento — esse que não aperta o pescoço, mas tira o ar aos poucos, até respirar virar esforço consciente.

Eu percebi que estava tentando oferecer presença sem identidade.

E isso é uma forma educada de desaparecimento.

Saí sem malas.

Sem promessa de retorno.

Sem alguém para validar a decisão.

Saí porque ficar exigia que eu continuasse me dividindo — e eu já estava cansado demais para mais uma divisão.

Do lado de fora não havia euforia.

Havia ansiedade.

Aquela que vem quando se abandona o conhecido e ainda não existe nome para o próximo lugar.

Mas havia algo novo:

o silêncio deixou de ser opressor.

Pela primeira vez, ele parecia espaço.

Eu saí do terminal sozinho.

Não porque quis provar força,

mas porque aquela travessia não comportava companhia.

Algumas decisões não pedem aplauso.
Pedem coragem quieta.

E talvez isso seja crescer:
não chegar a lugar algum,
mas finalmente sair de onde já não se cabe.

